



Maira Siman Gomes

Bela Horizonte

análise

Da riqueza à crise

Um olhar mais abrangente sobre a década de 1920 nos Estados Unidos

Em 1919, quando o Congresso norte-americano rejeitou a Liga das Nações de Wilson, a política exterior americana parecia dirigir-se decisivamente para o "isolacionismo". Contudo, de forma paradoxal, 1919 foi o ano em que os Estados Unidos emergiram como a principal nação credora do mundo. A partir desse momento, e principalmente ao longo da década seguinte, os Estados Unidos se tornaram um dos maiores produtores e exportadores de produtos agrícolas e um dos maiores mercados importadores. Assim, se a década de 1920 viria a terminar com um colapso econômico generalizado, ela se iniciou "com uma transferência de poder econômico no qual muitos se beneficiaram, embora, em geral, os ricos permanecessem ricos e os pobres permanecessem pobres".¹⁷

Com o fim da breve recessão do pós-Guerra, os Estados Unidos conheceram um impressionante desenvolvimento econômico, processado em ritmo tão acelerado que a

"O novo modelo de civilização oferecido pelos EUA ao mundo projetava apenas a prosperidade: cidades povoadas de imensos arranha-céus, automóveis velozes, estádios de beisebol lotados, clubes repletos de pessoas dançando jazz, o charleston, o shimmy"

sociedade norte-americana atingiu índices de prosperidade até então inéditos. A cidade, e não a ferrovia, era agora o principal estímulo para a economia; a indústria, e não mais a fábrica, respondia pelo *boom* dos anos 1920. O

prodigioso impulso industrial ligava-se, em parte, aos aperfeiçoamentos técnicos, que permitiram a produção em massa. O taylorismo, a técnica da linha de montagem, a pesquisa científica sistemática, os modernos padrões de segurança adotados no trabalho e o uso generalizado de novas fontes de energia elétrica pesaram

sensivelmente sobre as indústrias em geral e determinadas indústrias em particular. A construção civil, por exemplo, saltou de 400 mil moradias concluídas em 1919 para 935 mil em 1925.¹⁸

As novas indústrias que se constituíam passaram também a produzir novos bens de consumo, alguns deles antes desconhecidos e não imaginados, como rádios, aspiradores de pó, ferros elétricos, vitrolas e, o mais

¹⁷ FEAR, Jacqueline; McNEIL, Helen. Os anos 1920. In: BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard (Eds.). *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1981, p. 260.

¹⁸ AQUINO, R.S.L.; LEMOS, N.J.F.; LOPES, O.G.P.C. *História das sociedades americanas*. Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 363.

importante de tudo, o automóvel. Esses bens de última geração invadiram as casas e os sonhos dos norte-americanos e modificaram seu estilo de vida. Para aqueles que não podiam adquiri-los, criaram-se novos planos de créditos a prestações. Os bens de consumo se tornaram o eixo fundamental da economia e a lógica da poupança havia sido substituída pela lógica do dispêndio.¹⁹ A sociedade norte-americana passou a desfrutar de um padrão de vida mais alto do que qualquer outro povo. A indústria cinematográfica ilustrou essa mudança e explicitou o novo *american way of life* no qual os símbolos da prosperidade e do crescimento econômico eram inerentes. De forma bastante clara, os aperfeiçoamentos tecnológicos transformaram muito mais do que a economia: também criaram novos sonhos e proporcionaram a muitos os meios de concretizá-los. Em "Ecos da Era do Jazz", Fitzgerald lembrou como o vôo solitário de Charles Lindbergh, sem escala de Nova Iorque a Paris, excitou a nação:

Na primavera de 1927, algo brilhante e estranho lampejou através do céu. Um jovem de Minnesota que parecia nada ter tido a ver com sua geração, fez uma coisa heróica, e por um momento pessoas pousaram seus copos, em clubes campestres e botequins clandestinos, e pensaram nos seus melhores sonhos.

No exterior, a organização industrial, empresarial, social e cultural norte-americana era invejada e parecia, como disse Aldous Huxley, que "O futuro da América é o futuro do mundo". As indústrias americanas, com o aumento do desenvolvimento tecnológico, diminuíam os custos de seus produtos, aumentavam a sua produtividade e exportavam para o mundo sonhos e maravilhas a serem consumidos. A dinamicidade da economia e dos novos hábitos sociais seguiu em um ritmo eufórico, atropelando quem não acompanhasse seus passos. As grandes universidades fundaram escolas de estudos de administração, treinando

profissionais para racionalizar o processo de trabalho e assegurar o consentimento e o contentamento dos trabalhadores. O "capitalismo do bem-estar" invadiu o universo do trabalho e enfraqueceu o movimento sindical. Os partidários do *big business* defendiam um Estado menos intervencionista e o máximo de liberdade econômica.

O novo modelo de civilização oferecido pelos Estados Unidos ao mundo projetava apenas a prosperidade: cidades povoadas de imensos arranha-céus, automóveis velozes, estádios de beisebol lotados, clubes repletos de pessoas dançando jazz, o *charleston*, o *shimmy*. Havia, contudo, uma face oculta da sociedade caracterizada pela miséria e pela desigualdade. Desde 1920, a situação dos agricultores piorava diante da acumulação dos estoques agrícolas e a diminuição dos preços

dos cereais. Mesmo nas grandes cidades, muitos viviam em condições subumanas nos bairros pobres, desprovidos de condições mínimas de saúde e habitação. A insatisfação era grande em amplos setores operários, especialmente os ligados às indústrias têxteis e mineiras.²⁰ Paralelamente a essas insatisfações e desigualdades, fortalecia-se também uma visão nacionalista que assumia, muitas vezes, matizes reacionários, racistas e intolerantes. As leis restritivas à imigração, a Lei Seca e a ascensão da Ku Klux Klan se sustentavam, implicitamente ou explicitamente, sobre a supremacia do norte-americano branco, protestante e anti-revolucionário.

A prosperidade da sociedade norte-americana não duraria indefinidamente. A produção das indústrias já não encontrava compradores com tanta facilidade. A concentração de renda na sociedade americana, entre outros efeitos, diminuía o consumo. As indústrias européias voltavam a produzir num ritmo acelerado e, conseqüentemente, voltavam a fazer concorrência aos produtos americanos. Delineou-se, assim, um processo de superprodução, provocando a queda dos preços e do lucro empresarial. A grande

"A crise de 29, além de econômica, foi também de confiança do povo americano em relação aos benefícios advindos da prosperidade econômica. A quebra da bolsa testou a tradicional fé americana no progresso"

¹⁹ ROLLINS JR, Alfred B. (Ed.). *Depression, recovery and war: 1929-1945*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book Company, 1966, p. 5.

²⁰ HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 95.

depressão que se iniciaria a partir de 1929 seria resultado de anos de aumento da produção industrial e agrícola, ocorrido desde a Primeira Guerra Mundial, e da especulação em larga escala de ações valorizadas com a prosperidade que permeou a década de 1920.

Como sabido, o *boom* que havia perpassado a década de 1920 terminaria com o *crack* da Bolsa de Nova Iorque. Com os lucros em queda livre, a cotação das ações despencou vertiginosamente.

Milhões de pessoas, que acalentavam o sonho de se tornar milionárias, ficaram na miséria do dia para a noite. A economia americana entrava em um processo acelerado de desorganização. A notícia explodiu como uma bomba nos Estados Unidos e atingiu todos os países, exceto a União Soviética, provocando falências de empresas e o desemprego de milhões de trabalhadores. A queda da bolsa de valores prosseguiu como um ciclone na economia americana, destruindo o setor bancário, as indústrias, empresas de comércio, agricultura, companhias de aviação e ferroviárias. Os agricultores chegaram a queimar a produção, pois os preços dos produtos não compensavam o custo do transporte. A falta de abastecimento levou a fome para cidades americanas. As filas para conseguir comida, distribuída gratuitamente pelo governo, tornaram-se comuns nos grandes centros. O próprio Estado foi atingido, quando a retração dos negócios acarretou a redução da receita tributária.

Os "loucos anos 20", para parafrasear Hobsbawm, terminaram com a crise de 1929, provocando não mais uma euforia ilimitada, como nos anos anteriores, mas também uma enorme angústia na sociedade norte-americana. O número de suicídios se tornou alarmante e o pânico e a desesperança se espalharam como uma praga entre os americanos. A crise de 1929, além de econômica, foi também de confiança do povo americano em relação aos benefícios advindos da prosperidade econômica. A quebra da bolsa testou a tradicional fé americana no progresso. A desilusão com a economia afetou o *american*

way of life e obrigou os americanos a abdicarem de suas mais "valiosas" necessidades.²¹

O mais importante a ser notado aqui é que ao lado de significativas mudanças econômicas ocorridas ao longo dos anos 1920, profundas transformações socioculturais também se processaram na estrutura da sociedade norte-americana. Entretanto, o ano de 1929, e a própria década de 1920, foram tradicionalmente analisados a partir de categorias e metáforas econômicas. Os economistas, principais encarregados de analisar esses anos – em função do impacto da crise de

1929 na história do capitalismo –, focaram suas análises principalmente no colapso da bolsa de valores, procurando enxergar seus antecedentes e suas implicações. Muitas das análises produzidas por estudiosos do campo econômico, ao se centrarem nos aspectos comerciais e financeiros da crise, acabaram por levar à marginalização de importantes aspectos do âmbito sociocultural, indispensáveis para se compreender a década de 1920 e seu dramático desfecho. As análises economicistas da crise impediram que se vislumbrasse a interação dos fatores políticos, sociais e culturais que permeiam o universo econômico. A década de 1920 pode ser estudada por um viés político, econômico ou social ou por uma interação dessas dimensões. Esse período da história dos Estados Unidos, comumente definido a partir de slogans econômicos como "*O negócio dos Estados Unidos são os negócios*", poderia também ser caracterizado, nas palavras de Scott Fitzgerald, como a "Era do Jazz". Tudo depende da perspectiva de análise adotada. O ideal, entretanto, é que não se suprima nenhuma das perspectivas relevantes.

"A grande depressão que se iniciaria a partir de 29 seria resultado de anos de aumento da produção industrial e agrícola, ocorrido desde a I Guerra Mundial, e da especulação em larga escala de ações valorizadas com a prosperidade que permeou a década de 20"

²¹ WILLETT, Ralph; WHITE, John. Os anos 1930. In: BRADBURY, Malcolm; TEMPERLEY, Howard (Eds.). *Introdução aos estudos americanos*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1981, p. 277.